

Erasmus, o que é isso de quem tantos falam?

Foi em 1987 e pela mão da Comunidade Europeia que foi criado o programa Erasmus. Com o objetivo de promover a mobilidade de estudantes do Ensino Superior no espaço europeu, o programa viu crescer os cerca de 3.000 estudantes que aderiram nesse primeiro ano, para, ao longo de 25 anos de implementação, envolver quase três milhões de estudantes e mais de 30 países europeus. Em 2014, o programa evoluiu para o agora designado Erasmus+, abrangendo diferentes áreas de ação (educação, formação, juventude e desporto) e diferentes beneficiários (tanto ao nível individual como das organizações). Desenhado para o período até 2020, estima-se que o programa possa servir mais de quatro milhões de europeus. No novo formato, o objetivo do Erasmus+ é o de contribuir para o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo da economia europeia (Estratégia Europa 2020) ao nível da juventude, emprego, equidade social e inclusão, de forma consistente com o quadro estratégico para a educação e para a formação (Educação e Formação 2020) ao nível do ensino superior. Embora o programa Erasmus+ opere tanto ao nível individual como das organizações, a elegibilidade dos elementos a usufruírem do mesmo depende quer das ações em si (educação, formação, juventude e desporto) quer dos países envolvidos. O acompanhamento do programa Erasmus+ é feito de forma continuada através de Relatórios (intermédio, em 2017 e final, após 2020), Estatísticas (de progresso e de referência) e todo um vasto conjunto de informação transparente e disponível através de uma Plataforma dedicada (incluindo diversas iniciativas do programa, boas práticas e histórias de sucesso).

Diversas são as instituições que operam ao nível do programa Erasmus+ (instituições de ensino superior, outros estabelecimentos de ensino e formação, organismos de investigação, empresas privadas, entre outras) e várias são também as atividades passíveis de serem desenvolvidas no âmbito do programa (criação de redes internacionais de cooperação, melhoria de competências profissionais, desenvolvimento de capacidades organizacionais, entre outras). Neste contexto e ao promoverem a mobilidade dos seus membros (estudantes, formadores e pessoal docente, estagiários, voluntários, entre outros), as organizações ganham o potencial de adquirirem conhecimento à escala transnacional, um maior número de oportunidades de serem financiadas, uma preparação mais vasta em termos de gestão, ou programas diferenciados de formação. Ao nível das organizações e entre as várias ações possíveis, destacamos a possibilidade que as mesmas têm de enviar e receber estudantes (ou outros seus colaboradores) para e de vários países; de organizarem atividades diversificadas de ensino, formação ou voluntariado com os respetivos parceiros; de criarem e desenvolverem parcerias estratégicas tanto com empresas como no setor da educação; de partilharem boas práticas e promoverem experiências de trabalho no estrangeiro; ou de reforçarem competências e reconhecimento de qualificações. Ao nível individual, destacamos a possibilidade dos estudantes e dos docentes poderem escolher outro país para estudarem ou lecionarem; dos docentes e dos não-docentes poderem realizar formação em países parceiros; ou ainda dos jovens, no geral, poderem participar em diversas ações de voluntariado e de intercâmbio com outros países. Mais informação pode ser consultada na página da Comissão Europeia http://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_pt

Margarida Pinheiro

Professora Adjunta do ISCA-UA e investigadora do CIDTFF

“Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico”